



## EXPEDIENTE

**Não nos foi possível publicar por motivos muito attendiveis o numero correspondente a 15 do mez passado. Que os nossos leitores nos desculpem a falta de que saberemos indempnisal-os**

### Theodoro Augusto Pedroso

Finou-se no dia 12 do passado o primeiro patrão dos bombeiros municipaes de Lisboa, Theodoro Augusto Pedroso.

Era não só um operario activo e perfeito no seu officio de capinteiro, mas um dos mais valentes soldados que desde 14 de janeiro de 1854 batalhava nas fileiras d'essa benemerita corporação de bravos que arriscam a sua vida para salvar a do seu semelhante. E n'essas luctas de abnegação sacrificou elle a sua saude.

Theodoro Pedroso era sempre dos primeiros a avançar para o perigo a procurar o foco devorador para o fazer recuar.

No grande incendio que a 20 de julho de 1871 se manifestou no predio do Corpo Santo, quando acabava de avisar outros seus collegas para se livrarem do perigo do desabamento interior, foi envolvido juntamente com o seu collega, o patrão Lima, que foi victima, ficando elle muito queimado, e de então para cá soffrendo sempre, mas ainda assim continuando a trabalhar, arriscando-se com verdadeiro ardor em socorro dos seus semelhantes.

Pelo seu caracter probo, activo e energico, tornou-se merecedor da estima dos seus superiores, dos collegas e de todos quantos o conheciam.

A este homem do povo, que se tornou um benemerito, mostrou-se o municipio reconhecido aos seus serviços e concedeu-lhe as medalhas de prata do merito, philantropia e generosidade, por serviços que prestou na extincção do fogo manifestado em um dos pre-

dios da rua do Almada a 29 de junho de 1857: fô-tambem agraciado a 2 de agosto de 1871 por serviços prestados no incendio do Corpo Santo, e a 29 de janeiro de 1878 foi nomeado chefe de companhia, interino. Deixa em toda a corporação a mais profunda saudade.

O corpo foi no dia 13 á noite conduzido de sua casa da travessa da Queimada para a igreja da Encarnação d'onde no dia seguinte ás 2 e 1/2 horas da tarde fô transportado sobre a carreta para o jazigo dos bombeiros, no cemiterio dos Prazeres, sendo o feretro acompanhado pela corporação dos bombeiros de Lisboa.

Era imponente o cortejo que conduziu da igreja da Encarnação ao cemiterio dos Prazeres o cadaver do 1.º patrão de bombeiros municipaes de Lisboa, Theodoro Augusto Pedroso. Além da benemerita corporação a que o fallecido pertencia, fizeram-se representar tambem no sahimento deputações dos bombeiros municipaes de Belem e dos voluntarios de Lisboa, da imprensa nacional, da Junqueira, belenenses, da Ajuda, de Campolide, do Beato, dos caminhos de ferro, Oliveiras, Almada, a sympathica corporação de ambulancias de Lisboa, empregados das companhias de seguros, e muitos particulares, amigos do finado.

A's onze horas da manhã fora dita uma missa de corpo presente, resada pelo padre Botelho, acolytado pelo 2.º patrão de bombeiros, n.º 95, trajando grande uniforme.

O funeral realisou-se ás tres horas e meia, formando-se o prestito pela seguinte fórma:

A' frente uma guarda de seis bombeiros; depois as pessoas particulares das relações do fallecido, empregados dos seguros, e em seguida as diversas corporações; depois a carreta com o caixão, sobre o qual haviam sido depositas algumas corôas, sendo uma de perpetuas dos empregados dos seguros, outra de violetas do avaliador de seguros Thomaz, e outra de um amigo do finado.

O povo, em grande numero, formava duas extensas alas desde a igreja até a praça do Principe Real, havendo ainda muita gente tambem pelas outras ruas por onde o cortejo tinha de passar.

Antes do corpo ser encerrado no jazigo, o sr.

Francisco de Paula Rodrigues dos Santos recitou uma poesia precedida de algumas palavras de profunda saudade; o sr. Carlos Barreiros, inspector dos incendios, fez tambem um breve discurso exaltando as qualidades e os serviços que prestou o fallecido.

A's cinco horas terminou essa cerimonia de respeito e saudade á memoria de um bravo, vindo a força de bombeiros destroçar á rua de S. Bernardo.

#### Ponta Delgada 1.º de novembro de 1883

Ha tempos que a feliz circumstancia de serem raros os incendios, na nossa cidade, me conserva afastado das columnas d'este apreciavel jornal; hoje porem o sinistro, que poderia ter consequencias bastante funestas, dá-me o ensejo de poder prender por um momento a attenção dos seus benevolos leitores. Cerca do meio dia de hoje, deram as torres o signal de alarme e depressa circulou em toda a cidade o boato de ter-se incendiado a magnifica casa de habitação existente na quinta do Ribeiro, ás Laranjeiras, onde reside o seu proprietario — o sr. Manuel Hintze Ribeiro, irmão do ex-ministro das Obras Publicas e actual ministro da Fazenda, — o sr. conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro. E, apesar da distancia que separa a quinta do resto da cidade, a bomba n.º 1 e o carro dos bombeiros voluntarios, conseguiram apresentar-se no local do desastre, 16 minutos depois do primeiro toque.

As machinas e mais material dos municipaes, só alli chegaram, quasi 20 minutos depois dos voluntarios!

Fecho o precedente periodo com um ponto de admiracão, por que na realidade me causa espanto ver que são sempre aquelles briosos rapazes, que, do prazer de serem uteis á sua patria, fizeram um dever, os primeiros a apresentarem-se a cumprirem uma obrigação, que a si proprios impozeram, correndo a debellar o perigo onde quer que elle se encontre, em quanto que os municipaes, são, inalteravelmente, sempre os ultimos a comparecerem onde o dever e a obrigação os chama. Será este facto, aliás indesculpavel, devido á negligencia da inspecção dos incendios?...

O fogo, em questão, teve origem em um palheiro situado entre a casa e as estufas, e teria sem duvida deverado estas, se se não aproveitassem do alvitre de fazerem desabar o tecto do palheiro, o que foi effectuado pelos habitantes da quinta e por alguns dos curiosos que primeiro appareceram por aquelle sitio, fazendo assim diminuir sensivelmente o quasi eminente perigo da sua completa destruição.

Se por este lado estavam as cousas em um pé, senão bom, pelo menos melhor do que o antecedente, pelo outro preparava-se uma grande catastrophe, pois que as chammas sopradas, como por um immenso fole, pela brisa fresca do nordeste, ameaçavam engulir o palacete todo inteiro.

A intelligencia porem com que foram applicados os soccorros trazidos pelos voluntarios e mais tarde pelos municipaes, obstou á sua propagação.

Uma das bombas foi continuamente empregada em refrescar as paredes da casa, mais proximas ao palheiro incendiado: com as restantes tentou-se, e conseguiu-se, não sem alguma difficuldade, devida ao cheiro nauseabundo e á fumaceira que exhalavam as forragens em combustão e suffocavam o pessoal em-

pregado n'este serviço, extinguir completamente o foco do incendio.

O serviço correu na melhor ordem, havendo apenas a lamentar o facto de ter sido atacado de uma syncope, um bombeiro municipal, por ter sido encharcado por uma das a gullhetas das machinas, estando a transpirar, o qual foi convenientemente transportado ao hospital em uma carruagem, acompanhado do chefe da policia municipal.

Os prejuizos não devem ter sido grandes pelo facto de se haver conseguido centralizar o fogo no palheiro. Julgo que o predio estava seguro.

— Como já em tempo tive occasião de noticiar em uma das minhas correspondencias, a Associação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, projecta e conveño-me de que o levará a effecto, edificar uma casa onde se possa instalar com a conveniente commodidade. Para tal fim já ella tem em cofre uma boa quantia e em janeiro proximo tenciona pôr em scena o drama — Carlos III ou a Inquisição na Hespanha, e a magica a — Cauda do Diabo, durante a época do carnaval, para com o producto das recitas, augmentar o fundo de reserva destina-lo a esta obra.

D.

#### Em Lisboa

Está muito doente o bombeiro municipal de Lisboa n.º 11, Euzebio da Assumpção, um dos mais antigos da corporação. Uma junta de cinco medicos, a convite do assistente sr. dr. Castello Branco Saraiva, declarou o seu estado gravissimo.

— A camara de Belem, consignou um voto de louvor ao sub-inspector dos incendios d'aquelle concelho, o sr. José Martins, pelos relevantes serviços que prestou no fogo que houve em 2 do mez passado no real palacio de Queluz, onde elle, com algumas machinas da inspecção, dirigindo com pericia os trabalhos, conseguiu em poucas horas debellar o incendio.

— Em sessão municipal de 25 de outubro o sr. Antunes Rebello apresentou uma segunda informacão do sr. inspector geral dos incendios, sollicitada pelo sr. governador civil em officio de 2 do corrente mez, sobre os serviços prestados pelos bombeiros voluntarios Simão Cohen, Julio Cardoso, João Gomes da Costa e Alfredo Cruz, no incendio occorrido naoute de 15 para 16 de julho ultimo, no predio n.º 17 da rua do Ferregial de Baixo. — Mandou-se dar conhecimento ao sr. governador civil.

— O serviço de incendios custou ao municipio de Lisboa durante o mez de Setembro proximo passado a quantia de 4:026\$395 réis.

Esta verba decompõe-se da seguinte maneira :

PESSOAL	
Bombeiros — Ordenados e diuturnidade	670\$830
Vencimento dos sótas.....	210\$360
Serviços permanentes.....	55\$800
Extincção de incendios (gratificações).	1.963\$300
MATERIAL	
Rendas das estações.....	\$
Iluminação.....	43\$950
Acquisição e reparação do material de soccorro e dos uniformes.....	1:011\$355
Acquisição, conservação das linhas e aparelhos telegraphicos.....	17\$500

Expediente e serviço de limpeza da inspecção, escola officina, etc. .... 3\$500

## DONATIVOS

Premio *Lima* ..... \$  
 Consignação para o monte-piô ..... 50\$000  
 Medicamentos eapparelhoscyrurgicos (auxilio á ambulancia) ..... \$

**Em Aveiro**

Os bombeiros voluntarios d'esta cidade projectam festejar com um espectáculo dramatico que se realisará no theatro Aveirense, o anniversario da sua installação que corre no presente mez de dezembro. O producto do espectáculo será applicado a beneficiar o cofre da prestimosa aggremação.

Os ensaios que já começaram, seguem regularmente.

— No dia 22 do corrente, á noite, a companhia de bombeiros voluntarios teve exercicio no largo do Terreiro manobrando sob o commando do sr. Costa Regalla.

**Em Barcellos**

A nascente companhia de bombeiros voluntarios d'esta villa teve exercicio no dia 12 do passado, de tarde, no campo da Feira.

**Em Penafiel**

No dia 5 do corrente teve exercicio no largo da Ajuda a prestante corporação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade manobrando sob as ordens do seu primeiro commandante o sr. Simão Julio d'Almeida Motta Barbosa.

— Pelas duas horas da noite de 22 do passado deram as torres signal de incendio, que se manifestou n'um predio do logar de Aperrella, suburbano d'esta cidade, pertença d'um individuo conhecido pelo alcunha do Quadrado.

Ainda chegaram a comparecer no local do sinistro uma bomba e o carro de material dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, que apenas foram a tempo de apagar o rescaldo, porque o predio fôra já destruido pelas chammassas.

— Pelas 5 horas da madrugada do mesmo dia reventou outro incendio n'um predio do logar de Pias, da freguezia de Castellões da Cepêda, visinho concelho de Paredes, não se podendo salvar mais do que a mobilia.

Os prejuizos são avaliados em 650\$000 réis.

O predio era do sr. Antonio Teixeira de Magalhães Junior, da casa da Povoá, d'aquella freguezia.

— A' mesma hora via-se de alguns pontos da cidade uma labareda enorme para os lados da serra de Baltar. Suppõe-se que fosse um outro incendio; até agora ainda não podemos obter as informações necessarias.

**Em Santarem**

No mez passado deviam ser renovados os corpos gerentes da associação dos bombeiros voluntarios d'eslocalidade. Daremos conta do occorrido aos nossos leitores quando tivermos conhecimento do resultado da eleição.

**Em Villa Nova de Gaya**

N'um jornal d'esta cidade, que publica o extracto da sessão municipal de 8 do passado lemos o seguinte:

«Leram-se entre outros os seguintes requerimentos:

Do sr. Manuel Antonio Ferreira Mendes, pharmaceutico, da cidade do Porto, pedindo para ser admittido como voluntario na companhia de incendios de Gaya, e offerecendo uma botica para a ambulancia e todos os medicamentos precisos para a fornecer, bem como os que forem precisos aos bombeiros que se ferirem em qualquer incendio.

A camara resolveu aceitar os serviços do requerente e a sua valiosa offerta, lançando na acta um voto de agradecimento, e enviando-lhe um extracto da acta para sua intelligencia.

Do sr. José Pinto Soares da Silva, pedindo igualmente licença para ser admittido na briosa companhia de incendios de Gaya, como voluntario. Foi com vista ao sr. commandante para informar.»

— Devia ter no dia 23 do passado exercicio desde as 8 horas da manhã até ao meio dia, no seu quartel (Rua Direita), a secção de graduados da companhia de bombeiros municipaes de Villa Nova de Gaya, commandada pelo seu chefe.

**No Rio de Janeiro**

A's 12 1/2 horas da noute de 17 de outubro houve um grande incendio no predio da rua Abilio n.º 2 moradia de Joaquim Martins Pamplona, que ha dias tinha partido com sua familia para S. Paulo: o fogo communicou-se rapidamente nos predios 2 D, 2 E e 2 F; ficando os dois primeiros completamente destruidos e o terceiro com grandes avarias. Compareceu o corpo de bombeiros, que retirou ás 5 horas da manhã, deixando completamente extinto o fogo. Os 4 predios estavam seguros na companhia Imperial Mutua em 2:000\$000 réis, cada um.

Suspeita-se que o fogo foi ateado propositalmente.

— Cerca da meia noite do dia 22 para 23 tambem se declarou um violento incendio no predio n.º 83 da rua da Alfandega, no Rio de Janeiro, onde estavam estabelecidos os srs. Mello, Quartim & C.ª, com armazem de couros.

As chammassas alastraram-se com rapidez, pelo que foram grandes os prejuizos, apesar dos esforços do corpo de bombeiros que compareceu promptamente.

Só ás 6 horas da manhã, terminou o serviço da extinção do incendio, que destruiu completamente o predio n.º 83 da rua do Hospicio, onde se manifestára, e produziu grandes avarias nos contiguos de n.ºs 83 e 87 e nos de n.ºs 98, 100, 102 e 104, da rua do Hospicio.

O predio n.º 85 era propriedade do sr. Francisco Lopes Ferraz e estava seguro na companhia Argus Fluminense, por 30:000\$000 réis.

O negocio do couros, pertencente aos srs. Mello, Quartim, & C.ª, estava seguro em reis 100:000\$000 nas Companhias Confiança e Fidelidade, sendo 80:000\$ em generos e armação, e 20:000\$000 de duas maquinas a vapor.

O predio n.º 87, onde se achavam estabelecidos os snrs. G. Potey Rabert & C.ª com commissões, era

propriedade de D. Maria Sampaio, que o tinha seguro na Companhia Argus por 30:000\$000.

O de n.º 83 era habitado por m.<sup>me</sup> Emilia, florista, no 3.º andar; no 2.º, por D. Hidalgo, professor de musica, que tinha os seus moveis seguros em 6:000\$ na companhia Fidelidade; no 1.º, por Julio Geraud & C.<sup>a</sup>, que para ali se mudára ha 15 dias, e perdeu reis 10:000\$ no incendio, visto nada ter no seguro: e nas lojas por Wenceslau Guimarães & C.<sup>a</sup> com negocio de vinhos, seguro em trez companhias.

O predio pertence ao sr. Francisco José Ferreira e estava seguro na Companhia Argus, por 60:000\$000 réis.

Ficou sómente arruinado no 3.º andar.

O predio da rua do Hospicio n.º 88, pertencente aos herdeiros do barão da Joanna, estava seguro na Companhia Mutua com os n.ºs 94 e 96 em 60:000\$000 réis.

Era occupado pelo sr. João Tavares Coelho, com estabelecimento de armador, e que tinha o negocio seguro em 35:000\$000 reis, nas companhias Argus e Previdente.

O de n.º 100, occupado no sobrado pela professora publica D. Adelaide da Costa e Silva e no pavimento terreo pelos srs. Machado & C.<sup>a</sup>, com negocio de roupas feitas, pertence aos mesmos herdeiros e estava seguro na Companhia Confiança em 20:000\$000 réis. Ficou em grande parte destruido.

O de n.º 102 tinha no sobrado o estabelecimento de fotografia do sr. Antonio dos Santos Moreira e no pavimento terreo o negocio de imagens e alfaias de igreja, pertencente ao sr. Eduardo Assis dos Santos Barata. O predio pertence a Severino Antonio Correia, estando o negocio seguro na Companhia Mutua em 30:000\$000 réis.

O de n.º 104, que apenas teve pequenos estragos era occupado por Fernandes Miranda & C.<sup>a</sup>, com drogaria e deposito de productos chimicos.

O corpo de bombeiros portou-se com denodo, tendo ficado levemente feridos o commandante coronel Neiva e o cabo Ernesto Carneiro Leão.

A causa do sinistro é ainda ignorada.

—No primeiro semestre do corrente anno o corpo de bombeiros acudiu a 23 incendios, de que resultaram: 2 mortes, 1 ferimento grave, 8 ferimentos leves e 2 contusões.

Os prejuizos materiaes ascenderam a 209 contos, e gastaram-se na extincção dos referidos incendios 6:664:000 litros d'agua.

Desde 1859 tem havido n'esta cidade 965 incendios.

## Varias noticias

Lemos n'um diario d'esta cidade:

### *Bombeiros voluntarios do Porto*

«Uma commissão de socios activos d'esta importante e prestimosa aggremação, vae organizar um espectáculo a favor do cofre da mesma.

Consta que levarão á scena uma das mais engraçadas operetas, sendo os papeis de mulheres desempenhados por homens.»

Nada sabemos a tal respeito.

—No orçamento da câmara municipal do Porto para 1884 o serviço de incendios figura com a verba

de 8:752:800 réis que se decompõe da seguinte maneira:

Pessoal superior e secretaria.....	1:829\$000
» para 11 bombas e 4 carros..	6.268\$800
» addido.....	716\$000

## No estrangeiro

Em Glasgow, um grande incendio causou prejuizos de mais de cinco milhões de francos.

—No dia 6 do corrente houve dois incendios em Londres: um em Cannon street, o qual destruiu um predio de casas, e outro no arrebalde de Queensland, onde arderam doze predios, ficando feridas muitas pessoas.

—No dia 30 do mez findo, de noite, rebentou um violento incendio em Perth, no circo que alli havia.

O edificio ficou completamente envolvido pelas chammas. Apesar d'isso não houve perda de vidas, e todos os cavallos foram salvos.

A conflagração ameaçava ao principio assumir grandes proporções mas pelos esforços da brigada de incendios ficou localizada.

—No dia 5 do corrente houve em Roubaix (França), na fabrica de fição de M. Delliès, um incendio horroroso, devido a uma explosão de benzina.

No momento em que rompeu a catastrophe, trabalhavam trinta operarios no segundo andar. Sendo-lhes vedada a saída pelas portas, alguns d'aquelles desgraçados precipitaram-se pelas janellas, outros vingaram fugir para uns telhados, e seis caíram por um alçapão no foco do incendio, onde morreram.

Fóra, a multidão fazia esforços heroicos para levar socorro aos pobres empregados da fabrica, mas não havia meio de acudir-lhes, tal era a intensidade do fogo.

O edificio foi totalmente destruido, morrendo 19 operarios e ficando muitos gravemente feridos.

—Um incendio destruiu a maior parte da cidade do Schermandoch (Pensylvania. Duzentas familias ficaram sem abrigo. As perdas são avaliadas em um milhão de dollars.

—Em Savannah, nos Estados Unidos, houve no dia 31 de outubro, um pavorosissimo incendio, que destruiu 312 edificios, deixando sem abrigo 1:278 pessoas e fazendo 3 victimas.

Os prejuizos eram calculados em cerca de 950:000\$000 reis.

O fogo manifestou-se ao meio dia em um deposito de algodão communicando-se em menos de 15 minutos a todo o artigo que estava no armazem; o calor intenso e o fumo não deixavam aproximar os bombeiros; a consternação do povo, que via ameaçadas as suas casas, era indizivel.

A's 3 horas o fogo augmentou de intensidade, communicando-se aos edificios proximos; então o bramir das chammas ouvia-se a 80 metros de distancia e como o vento erguia as labaredas, parecia que toda a parte norte da cidade estava á mercê do elemento devorador.

As casas haviam sido abandonadas e na rua amontoavam-se mercadorias e trastes e centenaes de mulheres e creancinhas brancas e pretas, assistiam áquelle desolador espectáculo.

Algumas pessoas mal puderam salvar-se, porque já estavam rodeadas pelas chammas. A's 4 horas da tarde, uma grande parte do bairro estava destruída. As officinas de luz electrica foram destruídas, ficando a cidade ás escuras; essa destruição levou apenas poucos minutos, tal era a intensidade das chammas.

Só ás 9 horas e meia da noite cessou a marcha destruidora do incendio, graças aos denodados esforços dos bombeiros. Deram-se scenas extremamente patheticas.

Como acima dizemos, o prejuizo é calculado em um milhão de dollars, sendo apenas uma terça parte coberta pelo seguro. No deposito estavam 3:400 fardos de algodão, mas sabe-se que apenas 1:600 estavam seguros por 85:500 dollars.

Foram armadas barracas para abrigar as pessoas que ficaram sem casa e organisavam-se soccorros com a maior actividade.

— Foi completamente destruido por um incendio o theatro real de Darlington, em Inglaterra.

Os prejuizos sobem a 6:000 libras esterlinas.  
Não houve victimas.

## Revista quinzenal

Com o ultimo dia da feira, que, com o seu nome se realisa em Penafiel, S. Martinho, o bom S. Martinho que tão zangado parece estar com os amadores do summo da cépa, retirou-nos o seu verão, aquelle verão ephemero em que os raios de sol tem clarões pallidos estendendo-se pelos tapetes verdejantes das pradarias e as noites uma melancolia dolente, triste, prenunciadora d'um grande desalento de que as arvores nuas dão o signal agitando espavoridamente os seus ramos quando o vento sul vem cavalgando vagarosamente pejudas nuvens negras que os raios da lua revestem de formas phantasticas.

Podia muito embora o bom santo que nos esmaga com duas pragas — o philoxera e as commissões encarregadas de exterminar o nocivo parasita, prolongar a sua parodia da primavera, alegrar-nos com o seu desmaiado sol, embora o deixasse insufficiente para nos faser arrostar com as neves matutinas, mas qual? O avaro, o velhote sanctissimo, rabugento como todos os velhotes, embuçou-se na sua leve tunica de habitante do ceu, estendeu a mão descarnada para esse sol tão desejado em novembro e fez-lhe um gesto de despedida, como quem diz — pódes ir faser a tua passeiata e que se arrange a humanidade que não tenha a honra das tuas visitas!

E, dicto e feito. O sol que andava ansioso por ir ter com a sua loira irmã primavera, já entredida em esmaltar de boninas os prados d'outros paizes mais venturosos do que o nosso, deu immediatamente meia volta com a sua quadriga inflammada, chicoteou os corceis nevados e bateu a toda a brida pelas estradas do infinito.

E para logo o aquilão que morria de impeciencia por se ver solto, tolda com duas rajadas a planicie azul e a sopros colossaes levanta enormes montanhas de nuvens no espaço ainda ha pouco occupado por esse sol consolador que partiu por alguns mezes, chateado simplesmente pelas bandadas de gaviotas que

encontrou ao largo cortando pressurosamente o ar impregnado do cheio acre da maresia.

A mutação no scenario da natureza teve a duração do relampago. Na vespera o beijo desmaiado do sol; no dia seguinte, o açoite formidavel das cordas de chuva, alagadiça, impertinente, continua, e os arremessos d'um vento brutal raivando de furia por não nos poder levar *pele-mele* na sua carreira desenfreada de hydrophobo!

Ah! como eu lamento este abandono do sol! Como eu lamento as socegadas noites de hontem!

E aqui estou eu, tarde, mal imaginas, leitor, (meia noite), a desempenhar-me d'esta tarefa quinzenal, enteiriçado, só, dormindo tudo á roda de mim, enquanto eu vello para encher estas interminaveis tiras de papel. A tempestade ruge lá fóra despropositadamente. O vento avança como uma legião de couraceiros em carga irresistivel e pesadas gotas de chuva tamborejam-me nos vidros da janella a symphonia infernal do inverno procelloso. Sabes? Debaixo da minha janella estende-se longo renque de arvores, floridas como balseiras desde março a setembro.

Já te tenho fallado n'ellas, e da chilreada que ás tardes fazem os pardaes procurando o melhor poiso para passarem a noite. Queria que as visses hoje! Sem uma folha, as tristes! Estendem os seus braços desfolhados como um bando de espectros a requerer as orações que não tiveram á hora da morte.

N'esta soledade, n'este lucto, occorrem-me aquelles versos do venerando visconde de Castilho:

*Ai que asperrimo dezembro!  
Quando penso, se me lembro  
Do que lá por fóra vai!...*

E entre esta chuva estúpida que me acarreta o somno e entre este vento sibilante que se introduz pelas friestas da janella e faz bruxolear o meu candieiro e me enregella, tenho saudades, muitas saudades, d'aquellas noites em que a neve cahe em fio, como chuva de vidro derretido.

Ao menos então quando o inverno sacode a sua capa de gelo desde o cume da montanha até á planicie, o queixo entra n'uma dança macabra e ao longo da espinha calafrios sobem, ha no ceu varrido uma grande lua, distinguem-se os objectos e aos mortaes é dado o patriarchal praser d'um bom lume. Mas agora? Escuro como uns portaes do inferno. Os lampões municipaes parecem nodoas vermelhas n'uma enorme toalha negra.

E fez-me nervoso semelhante noite! Escrevi, escrevi, tenho já tres tiras deante de mim e descubro agora com horror que nada mais fiz de que dar importancia a quem tão mal nos agradece! Occupei-me do inverno! Ora viram?

E no emtanto deante de mim amontoa-se uma pilha enorme de jornaes que eu tencionava rever cuidadosamente, aproveitando tudo que se prestasse a uma observação maliciosa, a uma piadinha asêda.

Cheguei a tentar essa empresa, palavra de honra, mas logo por fatalidade nas primeiras linhas em que posearam os meus olhos deparou-se-me o assumpto das eleições municipaes de Lisboa — um negocio mais embrullhado, mais escuro do que esta noite de que me queixei tão amargamente! Que auspicio! Trevas por todos os lados para quem queria luz! Em busca d'um assumpto delicado, *mignon*, escolhido, e apparecem-me ante a minha vista de chronista o vulto famoso e roliço do sr. Rosa Araujo, o vulto gigantesco do sr. Theo-

philo Braga e a figura maliciosamente mercantil do sr. Ignacio da Fonseca!

Uma bandeja de pasteis, d'esses que o primeiro d'estes cavalheiros manda fabricar, ou uma dusia de bilhetes, para a grande loteria do Natal d'esses que o ultimo espalha profusamente a troco dos respectivos, d'isso é que me não foi dado ver. Quando muito era-me licito saborear as *victorias* do sr. Theophilo Braga, e Ignacio da Fonseca e a derrota do sr. Theophilo Braga, o *Theophilão*, segundo a alcunha picaresca que o seu Adamastor lhe grangeou.

E' muito para quem tem a bossa da politica mas muito pouco para mim que, ando atraz das minhas convicções politicas, como a sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torresão anda atraz d'um ideal, que intreviu ha uns bons trinta annos, na adolescencia.

Nada, nada. Deixemos os jornaes que me offereceram logo a primeira decepção.

E' isto o que eu disse agora e que escrevi ao mesmo tempo. Agora poiso a penna para accender o meu velho cachimbo... Assim, prompto!...

N'este pequeno intervallo lembre-me repentinamente qual o fim especial d'esta secção. E eu que me tinha esquecido!

Vês? Teria poupado todo este longo preambulo se me occorresse logo esta salvadora ideia. Estou farto de saber que me é dado por assumpto obrigado a revista dos theatros portuenses e fiquei-me por ali a dar á lingua, como sacristão tagarella que segue á risca os preceitos d'aquelle celebre frei Thomaz...

Thomaz! Era esta palavra por onde eu deveria ter começado. Pelo menos entra no titulo da peça que a empresa do Baquet apresentou como nova, depois da abertura da sua epocha de inverno.

Essa peça é *A cabana do pae Thomaz*, extrahida d'um famigerado romance americano, que na sua appareição causou verdadeiro enthusiasmo, estendendo-se depois por todo o mundo traduzido nos principaes idiomas. Esse romance que de certo já terão lido ha um bom par d'annos é escripto por uma mulher, eloquentissima a favor da escravatura.

Com um assumpto tão sympathico, a escriptora americana architectou um verdadeiro primor no genero sentimental, tetrico e commovente. Delineou bem as scenas convergentes ao principal assumpto — mostrar os horrores da escravatura — e como tinha uma alma de poeta, coloriu o seu trabalho por tal forma que vingou alcançar para o seu livro reputação europea.

Quem se lembrou de extrahir um drama de trabalho tão apparatuso teve uma ideia feliz. Scenas de effeito não lhe faltavam, a questão era revestil'as dos predicados que o theatro exige. Fez isso tambem de modo que *A cabana*, drama, torna-se tão interessante como o romance.

Esta peça foi tambem assignalada com mais uma bella qualidade. Teve um desempenho correctissimo, tão harmonico como ha muito tempo não nos era dado ver. Desde Alvaro que fez um papel d'um velho senador, alma nobilissima e o coração d'ouro, até ao actor Miguel Verdial que desenhou um esplendido typo de negreiro orgulhoso e cynico, todos os artistas que formam o excellente conjunto da companhia do theatro Baquet se houveram de modo a merecer geraes louvores dos quaes grande parte couberam não só aos dois intelligentes rapazes que citamos, mas á actriz Carmen e aos seus collegas Taveira, Soller, Gama e José Ricardo.

Com esta peça fez a empresa do theatro Baquet

grande reforma no scenario, apresentando todos os quadros novos. Coube esse trabalho ao distincto scenographo Lima que é um artista de provada habillidade.

*A cabana do pae Thomaz* subiu a primeira vez á scena em beneficio do actor José Ricardo, um rapaz muito estimado e estimavel a quem coube a ventura d'uma casa a trasbordar e umas saudações calorosas e prolongadas.

Contava a empresa do Baquet que esta peça fizesse epocha. O exito não confirmou no total esta esperanza, mas ainda assim cobriu as despesas que o *mise en scène* acarretou.

Diz algem: A epocha não vai para theatros. Um engano. Vai sim. O publico é que sente cansado d'uma pesadissima contribuição a que ultimamente o tem sujeitado.

Sabem a que eu me refiro? A essa praga causticante de beneficiados que exploram o favor publico com uma voracidade d'aves de rapina. Com mil pretextos, sem o minimo fundamento, procuram em primeiro lugar *rêclames* para a sua industria, e quando os conseguem, atanasam cruelmente as pessoas que tem por habito frequentar o theatro e que figuram n'uma lista que os industriosos tem o cuidado de ir passando aos socios. Assim é claro que as empresas veem a soffrer nos seus interesses. Annuncia uma peça e obtem nimia concorrência por isso que a maior parte do publico já tem em casa, ás vezes aos tres e quatro, bilhetes de beneficio com o mesmo espectáculo.

Os proprios artistas, os unicos a quem os beneficios pertencem de direito, sentem tambem os effeitos d'essa vil exploração. E' tão pesado o tributo que a cainçada anonyma impõe que não ha folego para distinguir o trigo do joio nem posses para resistir a essa *éseroquerie* dos verdadeiros exploradores do theatro portuguez.

E é assim que a empresa do Baquet se tem visto forçada a desobrigar-se d'um sem numero de beneficios comprados que nenhum lucro lhe acarretam como se vê pelo que ligeiramente deixamos exposto.

Note-se que no theatro do Principe Real pesa o mesmo contratempo. E é assim que as duas empresas se tem visto forçadas a recorrer ao repertorio antigo á mingoa de tempo para ensaiar novas peças e forçadas pelos compromissos dos taes beneficios anonymos a que se obrigaram.

O Baquet é que rompeu ha dias esta situação apresentando em beneficio do actor Pires o bello drama de Octavio Feuillet, *Nobres e plebeus*, peça que n'outros tempos obteve brilhantissimo triumpho e que ainda hoje mereceu do publico a saudação que lhe é devida, sendo applaudidissimos os melhores lances pela enorme concorrência que o actor festejado attrahiu á sua festa, applausos que se tem prolongado nas recitas seguintes.

Era de contar que o desempenho fosse digno de tão afamada producção theatral e de facto assim succediu.

Soller, Gama, Palmyra, Carmen, Miguel, todos estes artistas especialmente aproveitaram a peça para confirmar mais uma vez os seus bellos dotes e os seus grandes recursos.

Nem um só discrepou um apice do typo dos personagens creados pelo grande escriptor francez. Firmeza, a paixão que as scenas pediam, a pureza na dicção, a escolha acertada do gesto tudo contribuiu para que este sarau ficasse assignalado como um dos mais

brilhantes d'esta companhia cujo merito o Porto agora parece desconhecer, mas cuja falta de futuro sentirá e saudosamente.

N'este theatro tumbem se trabalha activamente para ser posta muito em breve em scena uma peça de grande espectaculo *As noites da India*, que nos disem ser peça para faser epoca. Demanda abundante e difficil scenario que o pintor Lima tem entre mãos e luxuoso guarda roupa que tumbem já foi entregue aos nossos amigos Freitas & Azevedo.

E' destinada á festa artistica do actor Alvaro, um artista dos mais inspirados que temos admirado e a mais bella alma que nos foi dado ainda aquilatar.

Temos por este bello rapaz uma sympathia irresistivel, uma amizade sincera que dia a dia mais se fortalece á medida que da sua alma limpida vai elle espalhando a lealdade, a franqueza, pondo tumbem em relevo de maneira dignissima o seu justificado orgulho de homem de bem.

O Porto sabe tumbem aquilatar o caracter brioso e honesto d'este valente rapaz que tão bem sustenta os seus creditos de homem illibado; e em torno do seu nome formou-lhe uma auréolla que elle jamais esquecerá, segundo a confissão que lhe ouvimos fazer commovidamente. Se o distingue como um artista superior tumbem o respeita pelas brilhantes qualidades que elle deixa adivinhar na sua bella cabeça, cujas feições só respiram a tranquillidade que dá a paz da consciencia.

Alvaro vai ter n'essa noite mais uma sagração para o seu bello talento e nós exultando com essa agradável lembrança deçjamos tumbem que a peça se firme em scena por muito tempo.

Amanhã deve realisar-se no theatro Baquet a festa d'um dos empresarios d'aquella casa, a festa d'Arthur Perry, um excellentè rapaz e um bom amigo.

A casa está toda passada nem outra coisa era de esperar de quem perdeu a conta ás pessoas que o estimam.

O programma é attrahente e sobre modo convidativo.

No theatro do Principe Real está marcada para o dia 5 a *première* da *Princesa das Canarias*, cujo exito em Paris foi simplesmente espantoso. Fez uma epoca completa e ainda abriu a do anno seguinte! Meilhac e Halévy, os librettistas ficaram principescamente pagos do seu trabalho bem como o afamado *maestro* Lecocq, que caprichou em adornar a graciosa operêta com uma musica insinuante, viva e ligeira, musica de molde a ser retida na maior parte pelos espectadores, em duas audições se tanto fôr preciso!

O publico julgára mais tarde se lhe dizemos simplesmente a verdade.

O terceiro acto da operêta offerece a novidade d'uma praça de touros, cujo effeito nos parece ser seguro. Sempre é um trabalho de Lambertini!...

Depois... Depois mais nada. Fallaremos quando a operêta tiver subido á scena...

Uma surpresa! Debaixo d'um livro acabamos n'este momento de tirar um bilhete de visita com esta simples linha em caracteres *mignons*,

MARIA JULIANA

Sim, sim, recorda-nos. Era uma pobre rapariga que teimava em ser arrebatada pela arte quando cada vez mais se abysmava no paúl da vida facil. Coitada?

Andorinha do *demi-monde* foi parar a Lisboa alvo-raçando com o decote da sua *jupe* e a elegancia da sua *tournure* a imprensa louvaminheira, viciosa como um celibatario *crevê*. Vimos-lhe consagrados nos jornaes uns elogios amanteticos, em arrebios floridos de linguagem e depois, o silencio fez-se em torno do pobre rapariga que fazia consistir toda a sua habilitade na elegancia do vestuario e nas fileiras dos seus dentes nevados, agudos como os d'uma gata Angora, dentes que lhe denunciavam a sua irresistivel paixão pela vida aventureira.

E tu ralhaste-nos, Argus malicioso, rosnão calculista, protector encartado de todos os *astros* que se erguem e o Cabrion de todos os *astros* que se despeham até á lama.

Quem te conhecer!...

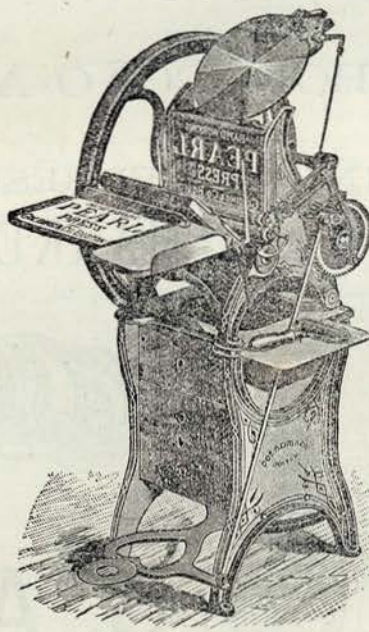
Novembro 30.

A. C.

ANNUNCIOS

TYPOGRAPHIA  
DE  
ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO  
Largo de S. Domingos, 74  
PORTO

Esta typographia acaba de ser consideravelmente augmentada com uma grande variedade de tipos communs e de phantasia, das melhores fundições estrangei-



ras, bem como uma machina Minerva, executando com nitidez e promptidão todos os trabalhos concernentes á arte typographica.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre . . . . .	300 réis
Semestre . . . . .	600 »
Anno . . . . .	1200 »

(Estrangeiro)

Trimestre . . . . .	500 réis
Semestre . . . . .	1000 »
Anno . . . . .	2000 »
Numero avulso . . . . .	50 »

Redacção e—administração rua do Mirante n.º 9.—Porto.

# FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

## JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

**CASA FUNDADA EM 1829**

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,  
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

**B. MARKERT & C.<sup>a</sup>—LISBOA**



## G. A. JAUCK

LEIPZIG

**FABRICANTES DE BOMBAS E APARELHOS CONTRA INCENDIÓS**

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.<sup>a</sup>, rua do Sá da Bandeira n.º 116 Porto.